

O ATOR: ENTRE A FICÇÃO E O REAL

FEIJÓ, Thalles Echeverry¹;
COTRIM, Aline da Silva Meira²;
SILVA, Daniel Furtado Simões³;

1. INTRODUÇÃO:

O presente artigo busca uma forma de discutir o estar em cena do ator, num tipo de teatro que alterna entre o personagem e uma possível ausência do mesmo, e que propicia um estado cênico onde se mesclam o real e o ficcional. Quando falamos em estado cênico estamos nos referindo à postura que o ator assume no palco, independente de um personagem que se caracteriza pela ficcionalidade. Ele pode assumir tanto uma postura de representação, onde na maioria das vezes representa algo ou alguém, ou uma postura de apresentação, onde dispensa a representação de algo ficcional e assume-se como verdade cênica. No projeto de pesquisa “O Ator e o Teatro Contemporâneo: Atuação e Dramaturgias”, do qual fazemos parte, pesquisamos este estado cênico, na teoria e na prática, onde exploramos estas duas vertentes de atuação. Desta forma, pretendemos analisar os experimentos cênicos realizados no projeto, utilizando das experiências pessoais dos atores através da construção de textos (e cenas) autobiográficos, bem como na composição de uma dramaturgia.

2. METODOLOGIA:

A pesquisa deverá resultar em uma composição de cenas que traz a mescla entre textos ficcionais não ficcionais, incluindo textos autobiográficos dos atores para a construção de cenas teatrais. Em um primeiro momento do desenvolvimento do trabalho foi realizada uma pesquisa teórica sobre textos que abordassem a aproximação e distanciamento do ator em relação ao seu material autobiográfico. Uma vez que trabalharíamos com textos produzidos por nós, precisávamos antes de tudo selecionar o que seria mais interessante colocar em cena, nos afastarmos do material, para podermos ter essa noção.

Este processo de aproximação e distanciamento do ator com os materiais autobiográfico e ficcional torna-os semelhantes, porém não os iguala. Paire sempre, por entre as camadas que separam e unem o ficcional e o real, a questão da “aura”, da presença do corpo vivo daquele que narra o fato presenciado e vivido, que detém em sua memória – corpórea – aquele saber, fruto de sua experiência. (SILVA, 2013, pág. 3)

A pesquisa então começou a partir dessa percepção de formas de perceber pontos de distanciamento e aproximação destes ditos “dois universos” e procurar perceber o ponto, a “aura” do ator em cena.

O próximo passo foi definir qual tema gostaríamos de trabalhar. Precisávamos encontrar um tema que interessasse a nós atores, bem como pudesse de alguma forma despertar também o interesse do público. Logo decidimos então trabalhar

¹ Acadêmico de licenciatura em teatro pela Universidade Federal de Pelotas. thallesfeijo@hotmail.com

² Acadêmica de licenciatura em teatro pela Universidade Federal de Pelotas alinee_roxy@hotmail.com

³ Professor Adjunto de Teatro pela UFPel, coordenador do projeto “O Ator e o teatro contemporâneo: Atuação e Dramaturgias”. danielfsim@yahoo.com.br

com histórias amorosas e, com o tema decidido, partimos para o exercício da escrita, fomos buscar na memória, na nossa vivência, histórias que pudessem ser trabalhadas em cena. Procurávamos uma maneira de contar aquelas histórias, em forma de relato. Nós, atores, assumíamos o estar em cena, contando uma história, não havia personagem, mas sim a própria pessoa do ator que assumia a forma de uma persona.

Na nossa pesquisa utilizamos da persona apaixonada onde o ator assume outra postura, uma postura diferente do seu cotidiano, um “recorte de sua personalidade e de sua existência, escolhido e trabalhado para ser colocado em cena” (SILVA, 2013, pág. 2.). O ator coloca em evidência uma parte do seu ser, explorando-a e moldando-a de diversas maneiras para leva-la ao palco. Ele se apresenta em cena “sem a proteção ou máscara de um personagem fictício”, ele assume o risco de mostra-se para plateia como ele realmente é, “com suas imperfeições, fraquezas e idiossincrasias” (SILVA, 2013, pág. 2).

Não havia construção de uma identidade ficcional, era o ator em cena, compartilhando com a plateia uma história sua. Buscávamos maneiras de trabalhar com os textos autobiográficos de uma maneira que aproximasse a plateia da figura do ator. Não representávamos a história, antes de tudo, buscávamos na memória aquele sentimento vivido, aquela emoção, uma vez que não se tratava de uma história de outra pessoa sendo contada por nós como se fosse nossa, mas sim a nossa história. Nós, os atores, éramos os personagens. Nós nos apresentávamos como indivíduos apaixonados para a plateia, não havia representação. Como maneira de exemplificar, utilizarei uma das cenas montadas por nós. Um dos relatos que nós escrevemos contava sobre cartas apaixonadas, sobre o fato de um de nós escrever muitas cartas e bilhetes quando estava apaixonado. Sendo assim, em cena, partimos do princípio do contar. Cada um apenas contava para o outro o seu relato, sem pensar em marcações ou ações para a cena, apenas contávamos, sentados. Após essa fase começamos a pensar em objetos para usar em cena. Na das cartas, resolvemos resgatar estas cartas apaixonadas para usá-las em cena, pois, uma vez que já estávamos trabalhando com a realidade, não haveria porque não colocá-las em cena. Não havia ficção, nem representação, estabeleceríamos um contato direto com o público, o ator, como indivíduo, para com a plateia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Ainda estamos no processo de montagem do experimento. Após montarmos algumas cenas a partir dos textos autobiográficos e de alguns outros textos ficcionais, fizemos uma pequena mostra do que havíamos elaborado até então. Na conversa que tivemos com o público após a apresentação, uma espectadora manifestou a curiosidade de saber mais sobre o relato, em qual “realidade” ele se enquadrava, se era ficcional ou se baseava em experiências reais do ator. O fato de assumir um estado cênico diferente do habitual, um estado onde inexiste a figura do personagem enquanto uma ficção, e onde o ator assume-se como verdade cênica, faz com que o público estranhe e se questione: “É real ou ficção?”.

Há uma indecibilidade – uma impossibilidade de se decidir – que desestabiliza a percepção do espectador, fazendo com que sua percepção oscile entre a representação e a apresentação. Tendo que decidir sobre a ficcionalidade ou não daquilo que está assistindo, muitas vezes ele se vê diante de um impasse, que traz novos contornos e interesses para a cena.

Se esse tipo de atuação causa estranhamento na plateia, também o ator se desestabiliza, tendo de transformar a maneira como se coloca em cena. Ele assume esse estado de apresentação onde não representa um personagem, mas

sim apresenta parte da sua pessoa. Ele apresenta-se despido e compartilha com a plateia o seu eu, sempre dentro desse estado de apresentação citado por nós acima, e pensando em formas cênicas para compartilhar esse fragmento do seu eu.

O que difere para nós essa maneira de atuação, na qual o ator apresenta-se no palco como ele mesmo, trazendo para a cena o seu real, daquela onde ele se apresenta com um personagem (representando, assim, um “outro” que não ele mesmo), é a maneira como ele trabalha com o seu material autobiográfico. Numa dramaturgia pré-estabelecida o ator utiliza desse material para dar suporte ao personagem, o utiliza como um trampolim, enquanto que aqui, onde o ator deixa de lado a representação, seu material transforma-se em sua dramaturgia.

4. CONCLUSÕES:

A partir dos estudos e das práticas realizadas até aqui podemos notar o quanto tudo o que se refere ao trabalho do ator e à construção do personagem veio mudando ao longo das últimas décadas. O ator adota neste teatro onde o mais importante já não é o contar uma história ficcional, fixada através de um texto dramatúrgico, mas sim a própria cena, suas memórias e experiências como base para a criação dramatúrgica, e a sua própria pessoa, como o centro da cena. O ator apresenta para a plateia uma espécie de persona, como, no nosso caso, citado acima, uma persona apaixonada, que compartilhava com os espectadores um relato de uma experiência amorosa sua. A plateia não tem conhecimento deste fato, pode vir a desconfiar, como aconteceu conosco, dada a proximidade do ator com o seu material dramatúrgico; porém, é difícil, uma vez que é papel do ator fazer com que a plateia acredite no que é mostrado em cena.

5. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

SILVA, Daniel Furtado Simões. O ator e o personagem: variações e limites no teatro contemporâneo. 2013. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/JSSS-9EHH7R>>

SILVA, D. F. S. . O ator e a distância de si mesmo. In: VIII Reunião Científica da Abrace, 2013, Belo Horizonte. VIII Reunião Científica da Abrace, 2013.

SILVA, D. F. S. . Mas, e o personagem?. In: V Reunião Científica da Abrace, 2009, São Paulo. Memória Abrace Digital, 2009.